



A “DESCOBERTA” DO SEGUNDO SEXO: INTELLECTUAIS BRASILEIRAS E SUAS APROXIMAÇÕES COM O FEMINISMO

Natalia Pietra Méndez¹

A trajetória intelectual de três feministas brasileiras, Carmen da Silva, Rose Marie Muraro e Heleieth Saffioti, pode ser tratada dentro das particularidades da vida de cada uma delas. Ao mesmo tempo, um olhar comparativo sobre os percursos destas três mulheres poderá contribuir para entender os caminhos que resultaram em suas aproximações com o feminismo. Trata-se, sobretudo, de personagens que desafiaram convenções sociais de seu tempo, através de uma escrita identificada com ideias feministas. O objetivo deste artigo é problematizar as aproximações destas três intelectuais brasileiras com o feminismo a partir das apropriações que as mulheres em questão elaboraram acerca da leitura do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir.

Na década de 1960, Carmen da Silva, jornalista, atuava na Revista Claudia como responsável pela coluna *A Arte de Ser Mulher*. Rose Marie Muraro era uma das principais editoras da Editora Vozes, vinculada à Igreja Católica. Em 1966 lançou seu primeiro livro, *A mulher na construção do mundo futuro*. Heleieth Saffioti era professora universitária e em 1967 defendeu a tese de Livre Docência intitulada *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, publicada dois anos depois. Esta breve síntese da atuação das mulheres aqui estudadas evidencia suas ações em lugares estratégicos dentro do campo intelectual brasileiro.

As trajetórias de vida dessas mulheres foram marcadas por momentos de rupturas, de descontinuidades e também de alguns acasos. Os escritos de Carmen, Rose e Heleieth refletiam sobre a condição social das mulheres brasileiras e estabeleciam um contraponto aos discursos tradicionais. O discurso feminista foi o contrapeso do discurso patriarcal. Na ótica do patriarcado,² o poder é masculino e é exercido em diversas direções, tanto no estabelecimento de padrões de feminilidade aceitáveis socialmente quanto na consolidação de uma masculinidade hegemônica. O feminismo da década de 1960 direcionou seu questionamento em especial ao caráter subalterno das relações entre os sexos. O pêndulo do poder sempre tendia a se concentrar nas figuras masculinas. O mundo era regido por uma ótica masculina. A escrita foi uma das formas de contraponto a este discurso hegemônico masculino. Como resultado, o ato de escrever sobre o problema da opressão

¹ Doutora em História, Professora da Universidade de Caxias do Sul/UCS. npietramendez@hotmail.com

² Este conceito é compreendido como “uma formação social na qual os homens detêm o poder, ou, de modo mais simplificado, o poder dos homens. Deste modo, é quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres”. Cf. HIRATA; LABORIE; LE DORARÉ; SENOTIER; (coord). **Diccionario crítico del feminismo**. Madrid: Ed. Síntesis, s/d, p. 189.



feminina resultava em um desafio aos padrões desejáveis de feminilidade. Michelle Perrot ressalta a existência de uma tensão constante entre os silêncios impostos pelas normatizações sociais e as vozes femininas. O silêncio feminino na vida pública é tido como uma ordem natural que se opõe à comunicação oral, esta permitida, admitida ou, em algumas culturas, até mesmo dominada pelas mulheres no espaço privado:

A voz das mulheres é um modo de expressão e uma forma de regulação das sociedades tradicionais onde predomina a oralidade. Mas sua palavra pertence à vertente privada das coisas; ela é da ordem do coletivo e do informal; ela é proferida no boca-a-boca da conversa familiar, na melhor situação possível, no quase ritual da conversação (...) O que é recusado às mulheres é a palavra pública. Sobre ela pesa uma dupla proibição, cidadã e religiosa.³

Ao longo da história, muitas são as experiências que driblaram esta ordem do silêncio. Nas sociedades ocidentais, o feminismo se destaca tanto como uma teoria quanto como um movimento social contrário aos diferentes tipos de opressões pautadas na diferença sexual. Um dos marcos do feminismo no século XX foi a publicação de *O Segundo Sexo*, em 1949, por Simone de Beauvoir. O livro se transformou em referência, somente no idioma francês vendeu mais de um milhão e meio de cópias. A mulher, segundo Beauvoir, era resultado de uma elaboração cultural e histórica a partir de uma alteridade masculina: “Não se nasce mulher: torna-se mulher: nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto.”⁴ Em um capítulo intitulado *Infância* Beauvoir examinou a construção do masculino e do feminino desde os primeiros anos de vida, quando os infantes são separados por sexo nas brincadeiras, na educação, nos valores e comportamentos que lhes são inculcados. A diferença, de acordo com Beauvoir, é que nesta separação, o sexo masculino constrói-se como sujeito universal da humanidade. Neste jogo de poder, o sexo feminino é transformado no “Outro”. Simone de Beauvoir perguntava-se: *O que é uma mulher?* Ao que respondia: “A mulher é O Outro definido a partir da alteridade masculina”.⁵

A contribuição de Beauvoir para pensar as hierarquias entre os sexos residiu em retirar o debate do âmbito exclusivamente biológico e transportá-lo para a arena social e histórica. Foi através do estudo da sociedade que a pensadora francesa se propôs a desvendar o modo como as mulheres foram historicamente vinculadas a uma imagem de fragilidade e subserviência. Ao trazer este debate para o campo social, Beauvoir *desnaturalizou* as relações homem-mulher, indicando outros caminhos para entender como as sociedades passaram a valorar diferenças biológicas entre os sexos e as transformaram em atributos qualitativamente desiguais. A autora foi além ao afirmar

³ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 317-318.

⁴ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. V 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 9.

⁵ Op cit, p. 7-12



que se o ser humano era capaz de modificar a própria natureza, porque não seria capaz de mudar a própria realidade histórica?

O livro de Simone de Beauvoir, em parte, pode ser compreendido dentro do contexto de mudanças das relações de gênero no âmbito da sociedade europeia.⁶ No século XX, a crescente presença feminina em profissões reconhecidas no mundo do trabalho trouxe como decorrência desestabilizações nas representações femininas e masculinas. As duas guerras mundiais, igualmente, podem estar associadas a uma mutação nos espaços de homens e mulheres, a realinhamentos nas configurações sociais de gênero frente às necessidades de países envolvidos em conflitos cujos recursos humanos eram totalmente empregados nos esforços de guerra.⁷

Porém, seria impróprio atribuir apenas a este contexto o surgimento de uma obra como *O Segundo Sexo*. Simone de Beauvoir era professora, escritora, intelectual ativa e sua vida era dissonante em relação ao modelo de feminilidade da época. Fugindo de um casamento convencional e sendo uma das raras mulheres a atuar na área da filosofia, a trajetória de Beauvoir é uma evidência do conflito entre as representações femininas socialmente elaboradas e as transformações em nas relações de gênero que afetavam diretamente a população feminina, apontando novas possibilidades de vida para além dos estigmas sociais.⁸ Em sua biografia sobre Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre, a escritora Hazel Rowley diz que a condição feminina influenciou a filósofa francesa na escrita de *O Segundo Sexo*.

No verão de 1946, Beauvoir se perguntava o que deveria escrever a seguir. Queria escrever sobre ela mesma, e Sartre a estimulou. Mais uma vez, ele lhe perguntou: O que significa ser mulher?

Ela respondeu, sem muita paciência, que, para ela, não significava muito. Levava o mesmo tipo de vida que seus amigos homens, tinha os mesmos privilégios e nunca se sentira inferior por causa de sua feminilidade. “Assim mesmo”, insistia Sartre, “você não foi criada da mesma maneira que um menino: devia analisar mais isso”.

Beauvoir tinha certeza de que podia se livrar logo da pergunta. Foi à Bibliothèque Nationale e pesquisou o que pôde sobre a condição da mulher e os mitos do feminismo. Passou semanas lá e ficou espantada com suas descobertas. “Foi uma revelação. Este era um mundo masculino, minha infância fora alimentada por mitos forjados por homens, e eu não regira a eles da mesma forma que talvez tivesse reagido se fosse menino”.

Tal foi seu interesse no assunto que ela deixou de lado o projeto das memórias e embarcou no que imaginou que seria um longo ensaio. Seria um livro grosso, um marco no século XX chamado *O Segundo Sexo*.⁹

⁶ Na França do início do século XX um quarto das mulheres eram empregadas do setor têxtil. No setor de serviços, a mão de obra feminina representava cerca de 40% e no setor de bancos e comércio entre 25 e 38%. (PERROT, 2005, p. 246)

⁷ Sobre o tema ver: PROST, A.; VICENT, G. (orgs.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 5 v.

⁸ O conceito de representações é aqui compreendido como o repertório de práticas e discursos que tornam inteligível a sociedade e o mundo aos indivíduos ou grupos. (Ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed., Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-79).

⁹ ROWLEY, Hazel. **Tête-à-Tête**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. p. 205.



A descoberta do feminismo por Beauvoir teria sido, em parte, estimulada por Sartre? É plausível que isto tenha ocorrido devido ao fato de que o casal Beauvoir e Sartre colaborava mutuamente em seus trabalhos. Também é compreensível que a temática feminina não fosse prioritária para Beauvoir que, até então, não havia percebido nenhuma dificuldade pelo fato de ser mulher. Porém, o estudo sobre o tema foi, aos poucos, assumindo um caráter prioritário. Simone narra a sensação de descoberta ao se deparar com os mitos sobre o feminino. Seria uma revelação intelectual ou uma revelação de si mesma? Talvez se possa pensar na existência de um caráter quase pessoal na escrita de *O Segundo Sexo*. Ao pensar a realidade das mulheres, Beauvoir refletira sobre a sua própria condição. A produção intelectual se mesclava à própria experiência da filósofa que “se descobria” na condição de “segundo sexo”.

A característica de uma escrita emerge a partir de uma reflexão sobre si e sobre uma problemática intelectual está presente, em certa medida, ao observar a trajetória de Carmen, Rose e Heleieth. Tratar a trajetória de vida das três mulheres, conjuntamente, parecer inadequado, tendo em vista que cada uma teceu caminhos diferentes que as levaram a uma aproximação com o feminismo. Contudo, a proposta aqui não é empreender uma narrativa biográfica. Trata-se de tomar alguns elementos do percurso intelectual destas mulheres para compreender seus vínculos com o feminismo. Para tanto, o livro *O Segundo Sexo* é tomado como elemento que representou um ponto nodal na formação intelectual de Carmen, Rose e Heleieth.

As trajetórias de vida podem ser compreendidas em parte pelo contexto de emergência da suas obras. A vida do indivíduo não é algo exterior à sociedade mas também não se delinea ao ritmo do compasso de um contexto histórico dado. Assim, o estudo de um percurso intelectual pode colaborar para compreender as imbricações entre um indivíduo e o contexto que interage com sua formação intelectual. Todavia, embora o próprio termo trajetória remeta à ideia de um *trajeto linear e contínuo*, a vida tem caráter fragmentado devido à própria característica descontínua do real:

Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.¹⁰

Além do aspecto da descontinuidade a ser considerado nas trajetórias de vida das três personagens, os contextos de emergência a partir dos quais se observam suas experiências não podem ser examinados como um dado imutável, considerando que estas mulheres agiam continuamente em sentido único. Uma análise do percurso intelectual feminista não deve perder a

¹⁰ LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005. p. 169



dimensão política das suas produções. A ideia de dimensão política remete ao engajamento intelectual com forma de atuação social. Levi chama a atenção para a necessidade de não apresentar o contexto no qual os indivíduos se movimentam como algo rígido que não permite a ação destes sujeitos. Nesse sentido, as diferentes estratégia de sustentação dentro do espaço intelectual é um elemento a ser observado para pensar o modo como Carmen, Rose e Heleieth se aproximam do feminismo e passam a incorporar um discurso feminista em suas obras.

No espaço deste artigo não seria possível abordar especificamente a trajetória de cada uma destas mulheres nem tampouco o aprofundamento sobre os desdobramentos do pensamento feminista em suas obras. Pretendo, no entanto, apresentar alguns elementos de sua trajetória intelectual como ponto de partida para refletir sobre o modo como perceberam suas “descobertas” em relação ao feminismo.

Começo a exposição por Rose Muraro que indica, em algumas narrativas autobiográficas, sua descoberta do feminismo a partir de algumas intuições e também do acaso. Ela conta que, em meados dos anos de 1960, Frei Ludovico, seu chefe na Editora Vozes, a aconselhou a escrever um livro sobre mulheres. No início da década em questão, o Papa João XXIII declarou que o século XX seria o século da libertação dos países subdesenvolvidos, da classe operária e das mulheres. Rose disse que esta frase lhe provocou inquietações e teve a intuição de relacionar as duas temáticas: opressão econômica e opressão feminina, concluindo que escreveu *A mulher na construção do mundo futuro* em um período de vinte dias, “de estalo”.¹¹

De acordo com Rose, ela foi chamada a dar explicações pelas autoridades da Igreja devido ao conteúdo de seu livro, às fontes utilizadas e às ideias divulgadas. Por exemplo, ela lembra ter ouvido de alguns padres a seguinte pergunta: “E os padres diziam: ‘mas você, tão católica, citando Simone de Beauvoir, ela é anticristã’. Eu vou citar, por que não?”¹² Curioso notar que aqui há a perspectiva de um contato com uma literatura feminista, como demonstra a referência à Simone de Beauvoir. Porém, na sua autobiografia a escritora salientou que “não conhecia nada, nem sabia que existia o movimento feminista. Eu já era feminista por intuição”.¹³

As duas narrativas autobiográficas - aparentemente contraditórias - são significativas porque apontam para possíveis discontinuidades no processo de aproximação com o feminismo. É possível que Rose tenha se aproximado de uma literatura feminista durante o processo de escrita de um livro sobre mulheres que, em princípio, não teria um intuito ou conotação feminista. O estímulo de Frei

¹¹ MURARO, Rose Marie. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004. p. 118

¹² MURARO, Rose Marie. Entrevista. 23/05/2008. p. 256

¹³ MURARO, Rose Marie. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004, p. 119.



Ludovico indica que na própria Igreja Católica havia espaço para opiniões divergentes quanto à relevância do livro de Rose. Por outro lado, no processo da escrita, é possível que vários fatores tenham influenciado para uma aproximação com o feminismo. No livro de Rose Muraro são poucas as referências a Simone de Beauvoir. Mas há evidências de que a filósofa francesa era conhecida por Rose, tanto que seu livro é citado como bibliografia, fato que é coerente com o testemunho de 2008. Esta segunda memória matiza a narrativa autobiográfica que reforçava o caráter apenas intuitivo do seu feminismo. A recorrência à intuição pode ser parte da construção de uma lembrança que remete Rose a atitudes e comportamentos dissonantes dos padrões femininos, à existência de preocupações com o problema das mulheres. Talvez para Rose Muraro, o que ela denominou de “feminismo por intuição” foi mais importante na sua aproximação com o feminismo do que o contato com uma literatura feminista mundial em circulação, como foi o caso do livro de Beauvoir.

Comparativamente, a aproximação de Carmen da Silva ao feminismo ocorreu por outros caminhos, guardando ainda algumas semelhanças. Sua primeira crônica publicada na *Revista Claudia*, em 1963, intitulada *A Protagonista* inaugurava uma relação com as leitoras (e leitores) que duraria mais de vinte anos. Mas, nesse meio tempo, as crônicas de Carmen passaram por um processo de mutação. Sempre foram feministas? Ou assumiram este tom ao longo do tempo? Os relatos autobiográficos de Carmen da Silva aludem uma boa dose da sua aproximação com o feminismo a uma construção subjetiva. Em sua autobiografia, conta que recebeu o livro *O Segundo Sexo* de presente em meados dos anos 1950, porém, a primeira leitura da obra não lhe gerou grandes repercussões: “só muitos anos mais tarde fui ‘descobrí-lo,’ embora já fosse fã ardorosa dos romances da Beauvoir(...)”¹⁴) Seguindo a trilha da narrativa autobiográfica de Carmen, é possível inferir que *O Segundo Sexo*, a impactou tardiamente. Contudo, é evidente que o livro – bem como outras obras da filósofa francesa – já circulavam em seu meio intelectual. De acordo com as memórias de Carmen, sua identificação com o feminismo teria sido um processo gradual, recorrente, em boa medida, do trabalho na *Revista Claudia*, do processo de escrita e da relação com os problemas expostos pelas leitoras que lhe escreviam semanalmente:

E à medida que lia aquela aflitiva enxurrada de depoimentos, à medida que refletia sobre eles para poder responder às cartas e redigir os artigos, ia-me enfronhando cada vez mais nos problemas, nas contradições, nas perplexidades da condição feminina e “fazendo” minha própria cabeça. (...) E quando dei por mim, havia ganho o título de “mulheróloga” – outorgado, se bem me lembro, por Stanislaw Ponte Preta.¹⁵ E, pior ainda, me havia tornado feminista. Assumida e desbragadamente feminista. Com perdão da palavra.¹⁶

¹⁴ DA SILVA, Carmen. *Histórias Híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo: Brasiliense 1984, p. 95

¹⁵ Codinome do jornalista Sérgio Porto, importante figura intelectual durante os anos 50 e 60, que escrevia suas crônicas utilizando este codinome.

¹⁶ Op cit, p. 120



Todavia, fica a pergunta: até que ponto é preciso ler o livro e ter um aprofundamento de sua análise para que o mesmo tenha uma influência? As crônicas de Carmen tornam-se “mais feministas” ao longo das três décadas em que ela escreve sua coluna *A Arte de Ser Mulher*? Talvez mais declaradamente feministas. Porém, desde *A Protagonista* é possível identificar ideias que rompem com uma escrita tradicional das grandes revistas direcionadas ao público feminino.¹⁷

Por último, o caso de Heleieth Saffioti, se distancia em certa medida dos apresentados anteriormente. Sua aproximação com o feminismo ocorreu movida por uma pesquisa sobre operárias têxteis e professoras primárias que consistiu na realização de entrevistas com as mulheres e os seus maridos. A partir deste primeiro trabalho, buscou um subsídio teórico para o tratamento da problemática da mulher. Foi neste momento que se deparou com a escassez de estudos sobre o tema, como é possível inferir a partir de sua entrevista:

Porque há só isso? É preciso que haja mais. E quando eu fui examinar os dados diretamente colhidos por mim eu achei muito pequeno para que eu pensava. Fui muito metida mesmo, muito nariz arrebitado porque eu poderia ter ficado mais modesta, feito meu estudo empírico, não, já quis partir para uma coisa mais global, que tomasse o mundo. E deu nisso. ¹⁸(2008, p.285)

Pelo fato de se propor a realizar uma pesquisa sobre mulheres trabalhadoras, tema complexo e pouco estudado à época, Heleieth encontrou na obra de Beauvoir um suporte teórico imediato para seu trabalho. Por esta razão talvez sua apreensão geral do livro foi percebida de forma mais rápida. Diversas citações ao livro *O Segundo Sexo* são encontradas no livro *A mulher na sociedade de classes*. Mesmo assim, na entrevista realizada, Heleieth Saffioti conta que quando escreveu sua tese de livre docência estava sob forte impacto da recente leitura do livro de Betty Friedan, *A Mística Feminina*, publicado nos Estados Unidos em 1963. Este fato a levou a creditar algumas noções conceituais à Betty Friedan que – na verdade – seriam de Simone de Beauvoir. Ela acredita que demorou algum tempo para que pudesse dimensionar a totalidade das contribuições de *O Segundo Sexo*. Cabe ainda notar que o fato de que Heleieth estivesse em contato com obras feministas não significou uma identificação pública imediata com o feminismo. No prefácio ao livro *A mulher na sociedade de classes* (1969), é possível ler: “Se esta obra não se dirige apenas às mulheres, não assume, de outra parte, a defesa dos elementos do sexo feminino. *Não é, portanto, uma obra feminista.*”¹⁹

¹⁷ A crônica *A Protagonista* assumia um tom de “denúncia”, como pode ser visto no trecho a seguir: Alguns séculos de educação altamente restritiva e baseada em conceitos falsos deixaram às mulheres um pesado lastro de inibições, receios, hábitos de dependência e de rotina mental. Mas o mundo evoluiu e suas exigências abarcam hoje os dois sexos, de modo peremptório e inelutável. E as mulheres, achando-se despreparadas, não sabem como enfrentar o desafio (Op cit., p. 17-18)

¹⁸ SAFFIOTI, Heleieth. Entrevista. 22/07/2008. p.285

¹⁹ SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 14



Apenas para cotejar estes três casos, cabe lembrar o depoimento da historiadora Michelle Perrot, ao comentar que levou um tempo para assimilar as obras de Beauvoir. Ela disse que o que mais a atraía não eram as suas obras em si, mas “sua vida cuja audácia eu admirava sem ousar imitar”.²⁰ A leitura aqui aparece como um processo descontínuo, em que é possível ler uma obra mesmo sem haver lido o livro. Quiçá algumas das ideias de Beauvoir tenham se tornado mais publicizadas pela sua vida do que pela própria leitura de *O Segundo Sexo*.

Para tentar compreender até que ponto este livro foi apreendido seria necessário um estudo mais profundo da sua recepção, examinando como ela foi interpretada na década de 1960 pelas feministas brasileiras. Nos exemplos em questão, ao que parece, houve uma recepção gradual, ao longo de diferentes momentos e formas de leituras. Em um primeiro momento, percebe-se que ocorreu uma apreensão relacionada à circulação de ideias presentes no livro mas também a atitudes e comportamentos relacionados à Simone de Beauvoir que, na época, era um ícone para quem pretendia desafiar os padrões de feminilidade hegemônicos. Há indícios de que o livro de Beauvoir, por algum tempo, tenha ficado mais conhecido por certa parte das intelectuais brasileiras através dos comentários e críticas feitos à obra ou pela própria personalidade de Simone, do que por seu conteúdo. Algumas ideias sínteses como “não se nasce mulher, torna-se mulher” podem ter adquirido um significado tão imediato e radical que outros aspectos do livro perderam a urgência.

A descoberta do feminismo pelas intelectuais brasileiras está aparentemente vinculada a construções subjetivas e a um contexto de circulação de ideias no âmbito intelectual. Se o acaso e a intuição tomam um espaço significativo na narrativa de Rose Muraro, em Carmen da Silva a relação intuitiva está presente. Todavia, é relativizada pelo papel que Carmen atribuiu ao labor da escrita e à leitura das cartas de leitoras que se comunicavam com sua coluna. Na narrativa de Saffioti a aproximação com uma leitura feminista surgiu como necessidade de um suporte teórico, que influenciou o seu livro, embora o prefácio do mesmo procure suavizar esta influência ao dizer que não se trata de uma obra feminista. Assumir um discurso feminista nos anos de 1960 era um desafio social e uma questão polêmica do campo intelectual brasileiro. O caráter polêmico, ao que tudo indica, permaneceu, como evidencia Carmen da Silva quando disse, em suas memórias “(...) me havia tornado feminista. Assumida e desbragadamente feminista. **Com perdão da palavra.**”²¹ Os caminhos de descobertas do feminismo não são representados por uma linha reta. São trilhas descontínuas, percorridas a passos ora rápidos ora lentos, pensamentos em constante mudança.

²⁰ Op cit, p. 18

²¹ Op cit, p. 120, grifos meus.



Fontes:

- DA SILVA, Carmen. **Histórias Híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DA SILVA, Carmen. A Protagonista. Revista Claudia, setembro de 1963. In: CIVITA, Laura. **O melhor de Carmen da Silva**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- MURARO, Rose Marie. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.
- MURARO, Rose Marie. Entrevista realizada em 23/05/2008, Rio de Janeiro, por Natalia Pietra Méndez. Decupagem feita por Natalia Pietra Méndez, disponível em: MÉNDEZ, Natalia Pietra. Com a palavra o “segundo sexo”: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SAFFIOTI, Heleieth. Entrevista realizada em 22/07/2008, São Paulo, por Natalia Pietra Méndez. Decupagem feita por Natalia Pietra Méndez, disponível em: MÉNDEZ, Natalia Pietra. Com a palavra o “segundo sexo”: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, Porto Alegre, 2008.

Referências Bibliográficas:

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. V 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Com a palavra o “segundo sexo”: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, Porto Alegre, 2008
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- PROST, A.; VICENT, G. (orgs.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 5 v.
- ROWLEY, Hazel. **Tête-à-Tête**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.